

DESDOBRAMENTOS DA CRISE ECONÔMICA PORTUGUESA DE 2012: DESEMPREGO PROVOCA O RETORNO DOS JOVENS AOS CAMPOS DO RIO LIS E ÀS FEIRAS DE LEIRIA

Virgílio Manuel Pereira Bernardino

Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Integrante do Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização (NEMO) e professor da Universidade Estadual do Paraná (FECILCAM), Brasil. Bolsista da CAPES-
E-mail: virgilio_fecilcam@yahoo.com.br

Márcio Mendes Rocha

Professor Associado do Departamento de Geografia e do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá e Coordenador do Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização (NEMO), Bolsista produtividade DT – CNPq
E-mail: mmrocha@uem.br

RESUMO: O presente estudo é parte integrante do trabalho de pesquisa desenvolvido durante o estágio de Doutorado/2012, em Leiria, Portugal. Para tanto, lançou-se mão de diversos procedimentos metodológicos como a coleta de dados na Feira de Leiria, por meio de entrevistas semi-diretivas, tabulação dos dados com o programa “Sphink Plus Léxica”, mapeamentos e registros fotográficos, entre outros. A escassez de crédito, a crise da dívida pública, o aumento de custo de vida, reduções de salários, o aumento de impostos e as elevadas taxas de desemprego, têm impelido os jovens portugueses mais qualificados para trabalhos antes considerados de pouco prestígio, como o trabalho no campo e a comercialização dos excedentes na feira livre. O objetivo deste trabalho foi contribuir para um debate teórico sobre a crise econômica em Portugal, e a resistência dos portugueses na luta pela sobrevivência e pelos espaços tradicionais de sobrevivência: o campo e a feira livre. Além disso, o retorno aos campos do rio Lis e um interesse maior pelas feiras livres tornou evidente o agravamento da crise econômica: perda de apetite em consumir a crédito, maior interesse por contrafações e produtos de procedência ou qualidade duvidosa encontrados na feira, maior atenção aos preços e recuo das compras por impulso. Assim, a pequena produção nos campos do rio Lis e a comercialização dos excedentes na feira representam, para a população, uma possibilidade de sobrevivência.

Palavras-chave: Mobilidade dos trabalhadores; Globalização; Espaços tradicionais de sobrevivência; Pequenos produtores.

**DEVELOPMENTS OF THE PORTUGUESE ECONOMIC CRISIS FROM 2012:
UNEMPLOYMENT CAUSES THE RETURN OF YOUTH TO THE RIVER LIS FIELDS
AND TO LEIRIA FAIRS**

ABSTRACT: The present study is part of the research work developed during the stage of PhD/2012 in Leiria, Portugal. To do so, it employed several methodological procedures such as collecting data in Fair Leiria, through semi-directive interviews, data tabulation with the "Lexical Sphink Plus" program, mapping and photographic records, among others. The credit crunch, the public debt crisis, rising cost of living, wage cuts, tax increases and high unemployment, have pushed the most qualified young Portuguese for jobs previously considered of little prestige, as working in the field and the marketing of surpluses in the open street. The aim of this study is to contribute to a theoretical debate on the economic crisis in Portugal, and the Portuguese resistance in the struggle for survival and for the traditional spaces of survival: the field and the free fair . Moreover, the return to the fields of Lis River and a greater interest in free trade made evident the worsening of the economic crisis: loss of appetite to consume on credit, greater interest in counterfeits and products of dubious origin or quality found at the fair, more attention to prices, recoil of impulse purchases. Thus, small-scale production in the fields of the river Lis and marketing of surpluses at the fair represent for the population a chance of survival.

Keywords: Mobility of workers; globalization; Traditional spaces of survival; Smallholders.

INTRODUÇÃO

Este estudo possui o objetivo de contribuir para um debate teórico sobre a crise econômica em Portugal, e a resistência dos portugueses na luta pela sobrevivência e pelos espaços tradicionais de sobrevivência: o campo e a feira livre.

As feiras livres quase sempre estiveram cingidas por pressões, crises e incertezas, características da era da globalização, que requerem capacidade dos feirantes para adaptações. Esta atividade econômica apresenta uma dinâmica específica, fruto do acúmulo de processos singulares que se desenvolveram a partir de crises originadas de diferentes tempos (HARVEY, 2005). Segundo Pinto (2004),

A crise contemporânea se manifesta segundo duas ordens, mutuamente implicadas. De um lado, o avanço do mercado retraindo a capacidade reguladora do Estado, em que o sinal mais evidente e drástico é a perda do emprego assalariado estável como horizonte para satisfação de necessidades básicas. De outro, a crise de enquadramentos coletivos que forneciam até então referências necessárias ao posicionamento do indivíduo no mundo, embaralhando as

narrativas pessoais e confrontando os indivíduos com suas próprias identidades. (PINTO, 2004, p.1).

A crise econômica (ou financeira) internacional, encetada em 2008, nos Estados Unidos, teve resultados desastrosos para a União Européia (UE) e, particularmente, para Portugal. Durante os anos áureos do surgimento do euro, muitas excentricidades financiadas pela UE foram cometidas: arrancaram-se vinhas de pequenos produtores, afundaram-se embarcações rudimentares dos pescadores, construíram-se rodovias monumentais para locais com pouca necessidade de tal infraestrutura, entre outras. Supostamente, tudo isso tinha o propósito de atender às novas exigências da zona do Euro. Os recursos para a modernização de Portugal eram emprestados e pareciam não ter fim.

Estruturou-se um sistema de produção em escala, onde o pequeno produtor não conseguiu mais colocar seu produto no mercado de consumo com os mesmos preços dos supermercados e hipermercados. A primazia das estruturas produtivas no capitalismo neoliberal levou a um enfrentamento com os espaços das feiras populares, fora dos espaços privados de consumo, como os shoppings. No momento de crise o espaço das feiras livres tem um significado de sobrevivência para os trabalhadores. A feira livre ainda parece ser uma opção para quem produz pouco e deseja sobreviver, vendendo o excedente de sua produção.

Os jovens portugueses estão efetivamente construindo uma crítica com os movimentos sociais, amparados pelo "ciberativismo" e a mobilização nas redes sociais. Apoiados pelos jovens, os portugueses mais velhos, são os mais inflamados nas críticas ao euro, e não se cansam de afirmar o quanto era melhor antes da implantação da nova moeda. Ressaltam que houve uma brutal desvalorização do escudo e os alimentos se tornaram mais caros. É comum, ao conversar com os idosos, as comparações entre o Escudo (moeda anterior ao Euro), os Contos de Reis (moeda extinta) e a atual moeda (o Euro), numa tremenda confusão matemática, onde o que fica claro é a insatisfação de pertencer à União Européia.

Os portugueses sempre tiveram uma forte ligação com a terra e o mar. Tinham suas terras amanhadas e muitos vendiam na feira ou no mercado do peixe, o que não lhes causava constrangimento algum. Contemporaneamente, amanhá a terra ou vender na feira passou a ser execrável, coisa do passado, não se enquadra no arquétipo pós-moderno. O olhar crítico de Boaventura de Souza Santos (2007) nos lembra que,

Ao mesmo tempo que a dinâmica endógena local — frequentemente assente em complexas combinações entre agricultura e indústria, produção familiar e produção industrial — vai ligando, sem a intermediação do espaço nacional, os espaços locais aos espaços globais da economia, as antigas regiões industriais vão se descaracterizando e desindustrializando, reaparecendo em seu lugar o espaço local como factor produtivo estratégico. (SANTOS, 2007, p.154).

Nesse sentido, os mercados globalizados impõem cada vez mais aos pequenos produtores feirantes um constante aumento da produtividade e a redução dos custos de produção para manter a viabilidade econômica do negócio. No entanto, a escassez de crédito, a crise da dívida, o aumento de custo de vida, reduções de salários, o aumento de impostos e as elevadas taxas de desemprego (mais de 16%, segundo o *Eurostat*, em 2012), têm impellido os portugueses mais qualificados para trabalhos antes considerados de pouco prestígio. Outrossim, é fundamental ressaltar que a mobilidade de trabalhadores para outros países também se faz sentir, muitas vezes estimulada pelo próprio Estado português, que assiste exultante a uma diáspora dos portugueses, principalmente para a França, Angola e Brasil, entre outros. Rocha (1998) define a mobilidade dos trabalhadores como Mobilidade da Força de Trabalho, explicando-a como uma

mobilidade centrada no trabalho: esta ordem de mobilidade é uma mobilidade horizontal, ou seja, o deslocamento se dá no âmbito da qualificação dos indivíduos, de seu status profissional, da produtividade do trabalho, de sua condição funcional e de sua submissão à lógica capitalista de acumulação. Esta mobilidade nasceu da reflexão de economistas marxistas. A explicação parte da contradição entre trabalho e natureza, da apropriação histórica da natureza pelo homem. Esta força de trabalho é entendida como uma mercadoria especial que se desloca em função da dinâmica do mercado. (ROCHA, 1998, p. 14-15).

Assim, neste estudo, vamos abordar a temática da pequena produção agrícola familiar no vale do rio Lis e a feira de Leiria como espaços para se alcançar trabalho e renda por meio da mobilidade de trabalhadores da cidade para o campo e vice versa, no caso da feira. Também se deseja vincular estas importantes atividades (a produção agrícola e a feira livre) à economia solidária, uma vez que as feiras livres configuram-se como importante estratégia de comercialização, espaço de trocas solidárias, de venda direta e rodada de negócios, que permitem viabilizar os produtos comercializados da economia solidária, como também resgatar as relações personalizadas entre os produtores e consumidores, buscando favorecer a fidelidade do consumo

dos produtos e serviços da produção familiar. São perspectivas possíveis para se deslocar da crise e buscar uma outra economia, mais pautada na produção, emprego e sustentabilidade e menos na especulação financeira.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se utilizou de procedimentos metodológicos de várias naturezas. Foram feitas consultas a fontes de dados secundárias, como livros, dissertações e teses, artigos, revistas, *sites* na *Internet* e trabalho de campo.

Os dados foram coletados na Feira de Leiria - Portugal, que ocorre às terças-feiras e sábados no estacionamento do Estádio Dr. Magalhães Pessoa, na área urbana da cidade de Leiria. Para tanto, nos apoiamos em entrevistas, semi-diretivas, com entrevistas rápidas a pessoas-chaves. As entrevistas com aplicação de questionário nortearam a problemática para dentro da pesquisa.

Os inquéritos foram aplicados a 53 feirantes de Leiria (de um universo de 230 feirantes cadastrados na Prefeitura), nos meses de novembro a dezembro de 2012. Também foram realizadas entrevistas a pequenos produtores no vale do rio Lis, além de consultas a jornais locais. Os registros fotográficos foram realizados durante os trabalhos de campo, de outubro a dezembro de 2012.

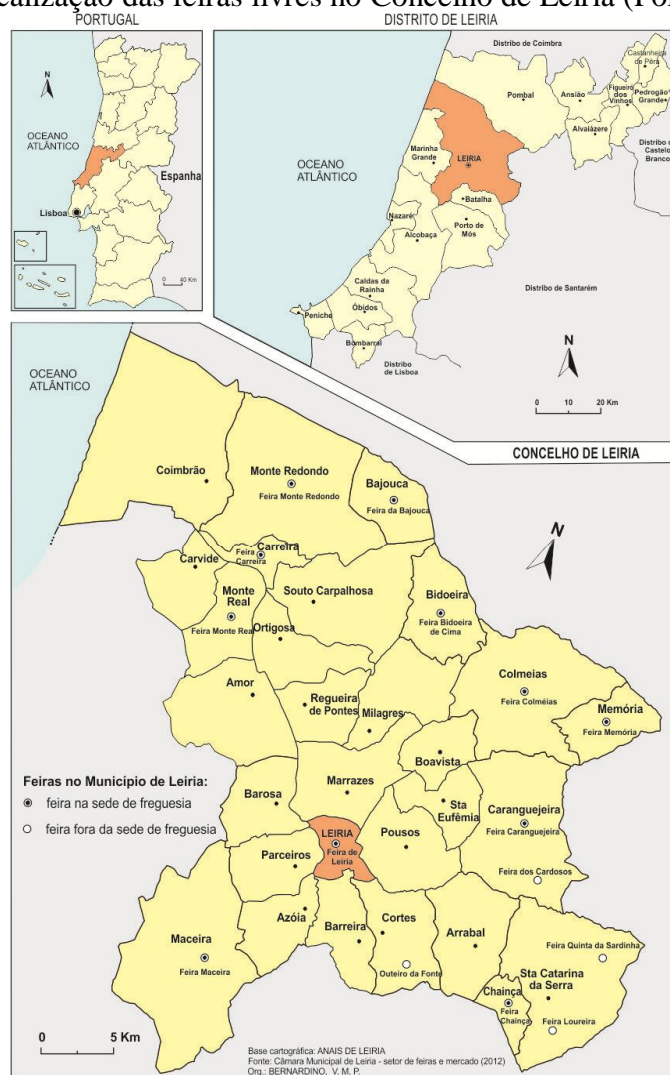
A análise estatística e a síntese gráfica e tabular dos dados foram executadas com o programa “Sphink Plus Léxica”. Assim, a partir das entrevistas, qualificamos as informações afetas às perguntas feitas. Após a transcrição das entrevistas, foi utilizado o software “Sphink Plus Léxica”, que possui características quanti-qualitativas. Transcritas as entrevistas e inseridas no programa, este organizou as palavras mais utilizadas, revertendo-as em dados quantitativos que demonstraram, estatisticamente, a maior incidência de determinada palavra ou frase tabulada, permitindo uma análise das respostas dadas pelos entrevistados.

Assim, a metodologia adotada privilegiou as entrevistas *in loco*, pois são as indicadas para o levantamento das características geoeconômicas dos feirantes produtores, bem como o levantamento de sua história. A partir dos questionários, foi possível caracterizar as áreas de produção (os campos do rio Lis) e o papel das feiras livres na cidade de Leiria.

A POSIÇÃO PRIVILEGIADA DE LEIRIA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO PORTUGUÊS

O Concelho de Leiria se localiza ao norte de Lisboa, e é composto pelo município de Leiria e suas Freguesias, conforme se observa na Figura 1. Segundo Margarido (1988), a cidade de Leiria se desenvolveu e cresceu em torno da igreja de S. Martinho, na base do morro do castelo. As ruas foram organizadas em função desta igreja e da várzea do rio Lis. Nestes espaços, afirma a autora, já se praticava comércio desde o século XII.

Figura 1- Localização das feiras livres no Concelho de Leiria (Portugal) – 2013.



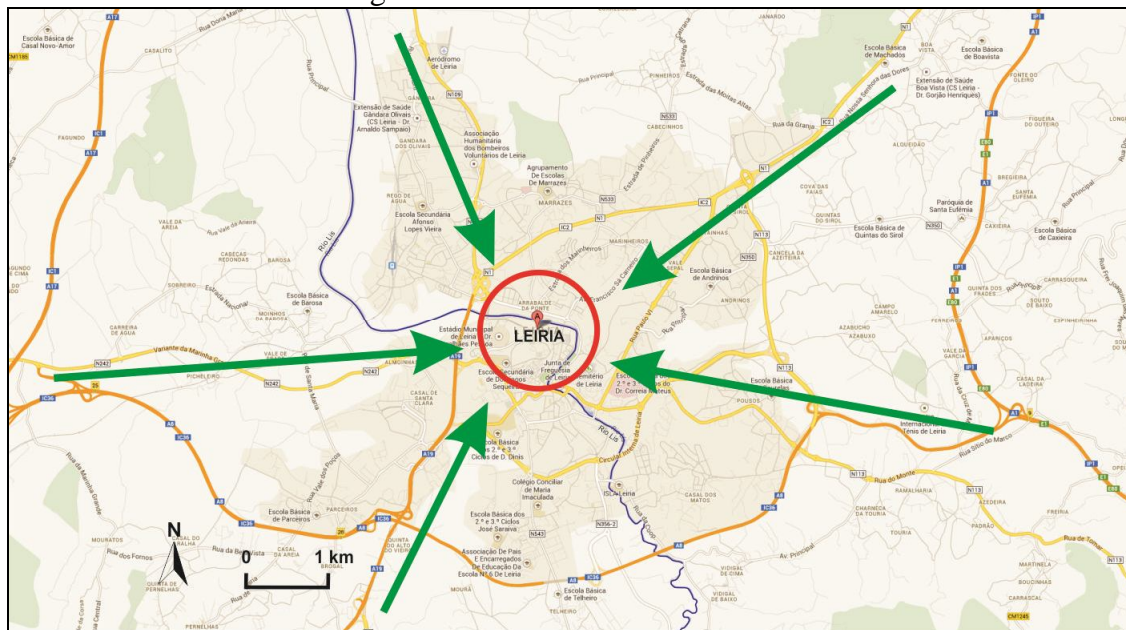
Elaboração: BERNARDINO, 2014.

A cidade de Leiria é a capital do distrito e encontra-se a 39°47'07'' de latitude Norte e 0°18'08'' de longitude Leste, tendo uma altitude máxima de 113m (no castelo). Ocupa uma posição privilegiada no espaço geográfico português, sendo local de passagem entre as mais importantes cidades do país: o Porto, ao norte, e Lisboa, ao sul. Também está ligada a outras cidades menores e ao litoral Atlântico. Encontra-se próxima a Fátima, lugar de relevância religiosa, para onde se desloca grande número de romeiros. Referindo-se à localização geográfica (Figura 2), Margarido (1988) que

[...] o centro urbano é um importante nó viário resultante do cruzamento de algumas das principais estradas do país. Aí se cruzam e sobrepõem as EN n. 1 – a mais importante estrada nacional – e as EN n. 109, n. 242 e n. 113. A EN n. 1 passava outrora pelo centro da cidade; hoje, a ligação entre a cidade e esta estrada é feita por uma via de acesso, canalizando-se, deste modo, o tráfego para a periferia. Este facto trouxe o descongestionamento do próprio tecido urbano. (MARGARIDO, 1988, p. 25).

Além disso, a Cidade também é cortada por estrada de ferro, colaborando como importante meio de comunicação.

Figura 2- Leiria e seus eixos viários



Fonte: Google Maps

Org. por: Bernardino, V. M. P., 2013

Portanto, o espaço urbano de Leiria é relevante centro econômico redistribuidor dos excedentes produzidos. Além disso, o retorno aos campos do rio Lis e um interesse maior pelas feiras livres tornou evidente o agravamento da crise econômica: perda de desejo em consumir a crédito, maior interesse por contrafações e produtos de procedência ou qualidade duvidosa, maior atenção aos preços, recuo das compras por impulso. Assim, a pequena produção nos campos do rio Lis e a comercialização dos excedentes na feira representam, para a população, uma possibilidade de sobrevivência.

A feira como espaço de sobrevivência: a Feira de Leiria

A feira é uma forma de comércio local, que tende a valorizar as relações de abastecimento com a produção agroalimentar. É um espaço fundamental aos pequenos produtores, uma vez que promove renda familiar e apresenta-se, desse modo, como espaço de sobrevivência. Ressalta-se ainda que

Em muitos casos, se apresenta como a única alternativa de obtenção de renda proveniente da propriedade. Nesse sentido, pode significar uma alternativa viável para as pessoas que não conseguem emprego ou possuem condição precária no mercado de trabalho (OLIVEIRA; RESENDE; MISSAGIA, 2013, p.6).

Trata-se de uma economia verdadeiramente social, produzida pela e para a sociedade, possibilitando a redução das desigualdades socioeconômicas e promovendo um desenvolvimento humano sustentável (ICERI, 2013). Além disso, devemos destacar que

Se a economia de mercado é pautada na produção intensiva, no comércio desigual e no consumo em massa, a lógica da economia social solidária é: produção sustentável, o comércio justo (para produtor e consumidor) e consumo consciente. Nessa lógica o produtor poderia exercer unicamente a sua função de produzir (valorizando a qualidade de seus produtos, o trabalho humano e o meio), enquanto o comércio seria pautado em valores justos que garanta renda para produtor e comerciante, sem explorar o consumidor, o qual tenha consciência da ação política e econômica de sua compra. (ICERI, 2013, p. 71).

Uma das mais importantes feiras do Concelho de Leiria é a Feira de Leiria, criada em 1295 (Anais do Município de Leiria, p. 15) pelo Rei D. Dinis, ao mesmo tempo que a de Vila Flor, Alvito, Cernacelhe e outras.

O foral de 1142, dado pelo Rei Afonso Henriques ao povoado, não se referia às feiras, mas apenas aos “comerciantes locais que iam vender os artigos do seu comércio a outros povoados”, e nesse foral ainda se lê: “Mercador de Leiria não pague portagem nas terras do Rei”.

Atualmente, a feira de Leiria se encontra no estacionamento do Estádio de Leiria (Dr. Magalhães Pessoa), não muito distante do lugar onde, supostamente, foi criada: junto às margens do rio Lis (Figura 3).

Figura 3 - A feira de Leiria no estacionamento do Estádio Dr. Magalhães Pessoa



Foto: Bernardino, V. M. P. - novembro/2012

Consta nos anais do Município de Leiria que as feiras serviam como oportunidade de abastecimento de produtos do comércio local, como festas, e eram onde as moças compravam o seu enxoval. Trata-se de um espaço, uma paisagem, um lugar, um território (efêmero), que permite o encontro do campo com a cidade e vice versa, do velho com o moderno, do comércio com a “festa”/sociabilização.

Conforme Derruau (1982, p. 82), “A feira é um mercado periódico que é acompanhado sempre mais ou menos por uma atmosfera de festa”. Ao examinarmos o Dicionário Básico Latino-Português (BUSSARELLO, 1998, p. 94), a “feira” é apresentada como derivação do latim “feriae”, que significa “dias feriados, festas”.

A feira é uma atividade que se apoia fundamentalmente na mobilidade humana (dos trabalhadores e consumidores) para que a organização da troca e as trocas de produtos naturais ou artificiais, tráfico, negócio, se concretize. Nesse sentido, a feira se insere no contexto do “Modo Capitalista de Produção”, pois não está subjacente apenas à “produção”, mas também à “circulação de Mercadorias”, uma vez que a mais valia surge da “produção” e é realizada na “circulação” dessa mesma mercadoria (LIMA, 1987, p. 121).

Desempenhadas nas feiras, as trocas eram realizadas por sujeitos de diferentes lugares, com seus diversos produtos. Havia a necessidade de mobilidade dos feirantes para a efetivação das trocas e, por esse motivo, as feiras constituíram-se em eventos itinerantes, que oportunizaram o surgimento de povoados circunvizinhos ao *locus* de trocas.

A lei portuguesa (Decreto-Lei n.º 339/85, de 21 de agosto de 1985) define feirante como aquele que exerce “comércio de forma não sedentária em mercados descobertos ou em instalações não fixas ao solo de maneira estável em mercados abertos” (ROUSSEAU, 2008. p. 58).

A preocupação primordial do feirante da Feira de Leiria está relacionada à própria sobrevivência, e não necessariamente à obtenção de mais valia. Singer (2002) lembra que

Nas condições em que o campo ainda permanece dominado pelas “velhas” relações de produção, o modo de assegurar que o produtor se dedique sistemática e definitivamente à produção de valores de troca é separá-lo do seu fundo de subsistência, coagindo-o a obter, mediante a venda, os meios para comprar os víveres de que necessita. (SINGER, 2002, p.14).

Os feirantes pertencem ao comércio não sedentário e, geralmente, procuram garantir apenas o sustento diário. Deste modo, diferenciamos este comerciante dos demais, do comércio fixo, denominando-o trabalhador ao invés de empresário. Ao analisar o número de homens e mulheres que trabalham neste setor, observou-se que os indivíduos do sexo masculino são maioria quanto ao cadastro junto à Prefeitura de Leiria (2012). No entanto, a participação feminina, no que tange ao funcionamento das barracas, é superior à dos homens. Particularmente, no trato direto com os fregueses, as mulheres possuem maior paciência e desenvoltura quanto ao tratamento com os consumidores.

No mapeamento dos dados, verificou-se que a comunidade de feirantes de Leiria é constituída por trabalhadores com mais de dez anos de atividade (77,4%), formada majoritariamente por adultos que têm na feira a principal fonte de economia para sua sobrevivência. Considerando que são reduzidas as barreiras à entrada no setor, as informações evidenciam que as feiras estão atraindo alguns novos participantes. Com a crise portuguesa, em 2012, o desemprego e as dificuldades econômicas, que têm marcado a realidade da população, obrigou muitos jovens a retornar ao campo, para produzir seu alimento e vender o excedente nas feiras, aumentando a importância destas como canal de distribuição de alimentos e outros gêneros.

A situação conjugal destes trabalhadores revela o quanto o casamento é importante para sua vida pessoal e profissional. Dos entrevistados(as), 94,3% são casados, tendo ajuda do cônjuge e/ou filhos na produção e comercialização na feira.

Constatou-se que, cerca de 52,8% dos feirantes são do município de Leiria, seguidos pelos de Fátima, que representam 5,7% dos entrevistados. Ressalta-se a significativa participação de ciganos. Atualmente, a presença de ciganos nas feiras portuguesas é motivo de insatisfação de alguns feirantes (incomodados com a concorrência) e consumidores portugueses (incomodados com os produtos de baixa qualidade, principalmente de roupas e calçados). Alguns consumidores, conforme a figura 4, revelaram satisfação pela variedade de produtos (hortaliças, frutas, flores, lenha, tapeçaria, ferragens, sapatos, roupas, artigos de decoração, artesanato, animais vivos, barraca de alimentação, etc), e destacaram que os produtos comprados na feira são muito mais baratos do que os dos supermercados ou "shoppings".

Figura 4 - Fotos de alguns momentos da Feira de Leiria (outubro de 2012)



Fotos: Bernardino, V. M. P.

Observou-se que, 39,6% dos feirantes entrevistados possuem baixo nível de escolaridade – primeiro ciclo, o que equivale, no Brasil, ao ensino primário; 24,5% têm o segundo ciclo ou terceiro ciclo (correspondente ao Ensino Fundamental); apenas 11,3% possuem o ensino secundário (Ensino Médio no Brasil), e nenhum entrevistado possui curso universitário. O que podemos considerar um problema quando enfrentamos a concorrência capitalista das grandes corporações, inseridas em uma lógica de produção com forte aporte técnico/financeiro que pressupõe qualificação para sua total compreensão. A construção de uma alternativa passa efetivamente pela qualificação da força de trabalho dos feirantes, visando a construção de uma proposta alternativa consciente e consistente.

O município de domicílio do feirante está ligado diretamente ao exercício das suas atividades, pois 54,7% têm sua residência no município de Leiria, e possuem propriedade principalmente nas freguesias do Conselho. De modo geral, os feirantes possuem residência no município onde se encontra a propriedade.

As propriedades rurais não são grandes, uma vez que 42,9% dos entrevistados têm propriedade com até 1000 m², evidenciando características da produção familiar. Nessas

propriedades, a produção é quase que totalmente familiar: a família produz e comercializa seus produtos.

Por se tratar predominantemente de pequenas propriedades, como vimos anteriormente, é importante cultivar produtos de primeira necessidade para o consumidor, e que possam ser produzidos na maior parte do ano. Com essas características encontram-se os legumes, verduras e frutas. Também há a comercialização de animais vivos, como coelhos, galinhas, perus, patos, pombos, passarinhos, etc.

Os feirantes de Leiria dedicam-se, em sua maioria, exclusivamente às feiras. No entanto, há feirantes que exercem outras atividades, tais como agricultor, pedreiro ou proprietários de lojas comerciais.

Na Feira são poucas as bancas que contratam empregados. Ressalte-se que, mesmo entre aqueles que contratam (11,3%), a maioria conta com os serviços de apenas um empregado. A mão-de-obra é basicamente familiar, por isso 88,7% não possuem empregados. Fica com a família e seus membros a comercialização das mercadorias junto à feira. Os membros da família participam das vendas na maioria das bancas. Dentre as bancas que têm membros da família envolvidos no processo de comercialização, 94,4% têm a participação de um ou dois membros geralmente o marido e sua mulher; nas demais bancas, a participação é de três ou mais membros da família nas vendas. Quanto ao pessoal envolvido nas vendas, existe a participação do feirante proprietário e de mais um ou dois membros da família ou de funcionários. É reduzido o número de feirantes que trabalham sozinhos.

Os feirantes apontaram mais de um problema enfrentado na Feira de Leiria: falta de dinheiro dos consumidores (19,7%), concorrência de supermercados (16,4%), crise econômica (11,5%), terrados (valor cobrado pela Prefeitura de Leiria para que o feirante possa comercializar na feira) – valor cobrado pela Prefeitura para que o feirante possa montar a barraca na rua – caros (11,5%), entre outros.

Segundo Sesso Filho (1999), existe a preferência crescente dos consumidores pela compra de hortifrutigranjeiros nos supermercados. Estes investem na comercialização de hortigranjeiros, pois são responsáveis pelo retorno dos consumidores às lojas, uma vez que a frequência de compra de produtos perecíveis é maior que a de produtos não perecíveis.

Na avaliação dos feirantes entrevistados, os principais concorrentes das feiras livres são os minimercados, supermercados e hipermercados que, muitas vezes, fazem promoções de frutas e hortaliças no dia da feira.

Os feirantes foram questionados sobre estratégias para melhorar o desempenho das feiras, a partir de questões que trataram da organização dos feirantes, da negociação com os fornecedores, do perfil do consumidor e do apoio do poder público municipal. Na opinião dos entrevistados, o apoio do poder público municipal, por meio de divulgação, organização das feiras, segurança e fiscalização é *importante* ou *muito importante* para a melhoria das feiras e do abastecimento.

Aqueles que pretendem continuar na atividade argumentam que se dedicaram à feira durante toda a vida, e que, com a crise econômica, não conseguiriam se adaptar em outras atividades. Assim, este perfil geoeconômico permitiu constatar que os feirantes são principalmente homens com baixo nível de instrução, que obtêm o seu sustento e de sua família com os recursos conseguidos na feira livre. Portanto, a feira livre é um espaço essencial na luta pela sobrevivência da população desempregada e dos pequenos produtores do vale do rio Lis.

O RETORNO AOS CAMPOS DO RIO LIS, EM LEIRIA

Num momento em que o desemprego se acentua, o retorno aos campos e à produção agrícola pode ajudar o país a sair da crise econômica. O trabalho na feira e no campo tem sido visto, por parte da população portuguesa, como subemprego ou subatividade, trabalho para cidadãos de segunda categoria: “atividades mal amadas”.

Após algumas décadas de abandono e/ou subaproveitamento, muitos portugueses voltaram a cultivar os campos e os seus quintais, o que se constatou em Leiria, nos campos do rio Lis (figura 5). Os jovens que não encontram colocação no mercado de trabalho (na cidade) têm retornado para o campo. A respeito de importante escola de agricultura na Região de Leiria, o Jornal de Leiria (2011) aponta que

O aumento do número de candidatas à Escola Profissional de Agricultura de Alcobaça é revelador do crescente interesse dos mais novos numa actividade que não é o parente pobre da economia. (JORNAL DE LEIRIA - encarte, 21 de junho de 2011, p. 6).

Neste início de século, com a atual configuração do território, uma das grandes dificuldades da agricultura portuguesa configura-se na "dimensão média das explorações agrícolas que, ao ser mais baixa que a média europeia, faz com que os produtos não sejam competitivos" (JORNAL DE LEIRIA, 2011, p. 6).

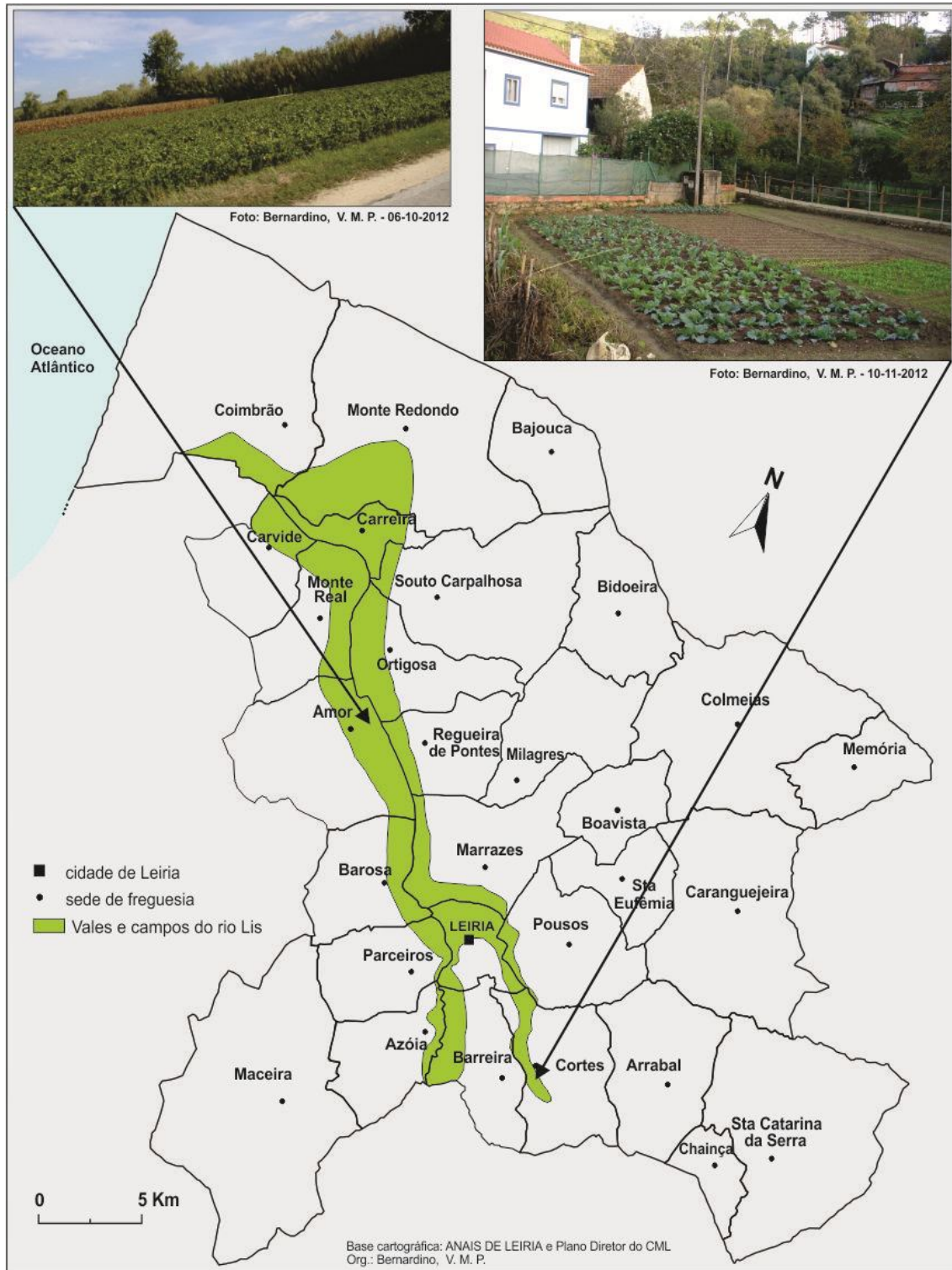
Ainda, segundo Fernando Raposeira, diretor da Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Cister, em Alcobaça (JORNAL DE LEIRIA, 2011),

[...] 'Falta valorizar uma área que ao longo dos anos foi alvo de erros sucessivos', - menciona, lembrando que o sistema de contra ciclo que Portugal viveu face aos outros países da Europa prejudicou a economia portuguesa. 'Aqui davam-se 900 contos (4.500 euros) para arrancar uma vinha, enquanto na Espanha, por exemplo, se atribuía o mesmo valor para preservar a vinha' [...]. (Encarte do Jornal de Leiria, 21 de junho de 2011, p. 6).

Ressalta-se ainda, para esta complexidade nas transformações sócio-espaciais: o retorno dos jovens veio acompanhado de apoio do governo, que promoveu praticamente uma reforma agrária, aliviando as tensões sociais causadas pelo desemprego nas grandes cidades portuguesas. O retorno aos campos do rio Lis não significa o retorno à produção tradicional: são também utilizadas tecnologias e técnicas modernas de produção que permitem melhores resultados.

A agricultura nos campos do rio Lis é realizada em pequenas propriedades, podendo-se encontrar: a **agricultura tradicional** (pequena produção, técnicas rudimentares, complementar à alimentação da família, sem excedentes para comercializar), a **agricultura convencional** (voltada para o comércio e para a alimentação da família, parques investimentos em máquinas, sementes e adubos), a **agricultura capitalista** (propriedades maiores e em alguns casos arrendadas, grandes investimentos na infraestrutura produtiva, agronegócio, monocultura), e a **agricultura de tempo parcial** (pequena produção voltada para o comércio e para o autoconsumo, trabalho familiar, complemento na renda familiar, dupla jornada: cidade-campo) (SELL, 2013).

Figura 5- O cultivo dos campos e quintais do vale do rio Lis, em Leiria (Portugal) - 2012



Elaboração: BERNARDINO, 2012.

Na agricultura em tempo parcial, "percebemos que o agricultor tem sua principal fonte de renda proveniente da produção agrícola", e que o trabalho é desenvolvido pela família nos limites de suas propriedades. Ocasionalmente, em períodos de colheita ou preparo do solo, faz-se necessário contratar trabalhadores para auxiliar nos serviços agrícolas. (SELL, 2013, p. 15).

Assim, em nossas observações *in loco* e entrevistas com os moradores da região do vale do rio Lis, no Concelho de Leiria, constatamos que um processo de transição está em curso: a mobilidade da força de trabalho urbana para o campo. No entanto, uma reflexão mais apurada sobre o futuro da agricultura familiar do lugar recomenda tomadas de decisão mais voltadas à construção de práticas ajustadas à economia solidária local, que contemplem um projeto sustentável de desenvolvimento rural.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao observar os impactos da crise do emprego no contexto português, foram identificadas diversas formas alternativas de ocupação e a configuração de uma economia popular que se apresenta neste estudo, focado nas feiras e na produção das pequenas propriedades. Além disso, vender na feira é uma oportunidade que os produtores têm para receber os pagamentos à vista e obter o retorno da produção de forma mais imediata.

Para Lefebvre (1991), o campo é lugar de produção, resultante de uma terra explorada pela cidade e pela vida urbana: "A vida urbana compreende mediações originais entre a cidade, o campo, a natureza" (LEFEBVRE, 1991, p. 68). Portanto,

a transformação dos elementos da natureza pelo homem passa a ser apenas iniciada no campo mas é completada na cidade. Desta maneira, o homem do campo passa a ser consumidor de produtos urbanos, estabelecendo-se uma verdadeira troca entre cidade e campo (SINGER, 2002, p. 17).

Apesar de não escapar à interferência global, a feira de Leiria contribui para a dinamização da economia local, constituindo um importante canal de distribuição de um mercado de consumo local. Os resultados apontam que a feira de Leiria é relevante centro de abastecimento

e consumo para a urbe, haja vista o sucesso de consumidores, que chegam a mais de 6 mil por dia de feira, principalmente aos sábados e nas feiras de fim de ano.

Constatou-se que o ambiente de crise econômica tira o trabalhador da zona de conforto, promovendo-lhe uma predisposição reflexiva que age em seu comportamento criativo, ampliando as alternativas de sobrevivência. Nesse sentido, ressalta-se a importância da pequena produção agrícola familiar e da comercialização do seu excedente na feira livre, como também da importância das formas associadas no âmbito das relações econômicas, que promovem a economia solidária.

A especialização dos espaços (shoppings, supermercados, hipermercados, etc), promove e potencializa a segregação dos espaços/tempo (comprimindo, por um lado, os espaços e, por outro, lhes dilatando o tempo) e, por fim, segregando os próprios homens. A fragmentação capitalista dos espaços é fato inexorável e perverso que, de forma lenta e dolorosa, vai excluindo os pequenos produtores. Assim, as crises econômicas reciclam os espaços geográficos, lhes dão múltipla funcionalidade, possibilitando a sobrevivência dos pequenos produtores e oportunizando também ocupação à força de trabalho ociosa dos espaços urbanos. "O espaço é, nesse momento, riqueza natural dos meios de subsistência" (MORAES & COSTA, 1984, p. 76). É na crise macroeconômica que vive a União Européia, especificamente Portugal, que aparece as possibilidades de ruptura com o modelo vigente. A perspectiva da economia solidária, do cooperativismo popular, do consumo próximo, da produção sustentável e outras ações alternativas podem ser engendradas nas economias locais dando melhores respostas aos trabalhadores e consumidores. É na crise que a possibilidade de mudança aparece como um caminho alternativo para uma sociedade mais justa.

REFERÊNCIAS

BUSARELLO, R. **Dicionário básico latino-português**. Florianópolis: UFSC, 1998.

DERRUAU, M. **Geografia Humana**. 3ª ed., Vol. II, Lisboa: Editorial Presença, 1982.

HARVEY, D. **A produção do espaço capitalista**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 135.

ICERI, V. K. **Por uma relação "SAN" entre a produção agrícola (peri e intra) urbana e o consumo alimentar. Duas realidades em análise: Cianorte (Brasil) e Aubièrre (França).** Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Disponível em: < <http://sites.uem.br/pge/documentos-para-publicacao/dissertacoes-1/dissertacoes-2013-pdfs/VanessaKimieIceri.pdf>>

Acesso: 22-10-2013

Jovens agricultores seduzidos por profissão "mal-amada". *Jornal de Leiria*. 2011 jul 21; Cad. agricultura e produtos regionais (p. 6-7).

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade.** São Paulo: Moraes Ltda. 1991.

LIMA, T. T. de. **O pequeno comércio e o grande comércio.** *Boletim Paulista de Geografia*, 65. São Paulo, p.121-125, 1987.

MARGARIDO, A. P. **Leiria: história e morfologia urbana.** Leiria: Câmara Municipal de Leiria. Leiria, 1988.

MORAES, A. C. R. e COSTA, W. M. **Geografia Crítica: a Valorização do Espaço.** 4ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1ª ed. 1984, v. 1. 200p .

OLIVEIRA, S. R.; RESENDE, D. C.; MISSAGIA, S. **Feira Livre do Produtor: Cálculo de Valor e Configuração do Mercado.** Artigo publicado no XXXVII Encontro da ANPAD, 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2013/11%20-%20MKT/PDF%20MKT%20-%20Tema%208/2013_EnANPAD_MKT2359.pdf>

Acesso: 10-01-2013

PINTO, J. R. L. **Economia Solidária: um elogio à associação em tempos de crise.** Tese apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro como requisito à obtenção do grau de Doutorado em Ciência Política. 2004. 202p.

Disponível em: < http://www.fbes.org.br/biblioteca22/Joao_Roberto_tese.pdf>

Acesso: 02-11-2013

ROCHA, M. M. **A Espacialidade das Mobilidades Humanas – Um Olhar para o Norte Central Paranaense.** USP, 1998. 186 p. Dissertação (Doutorado de Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia.

_____. **A produção dos espaços periféricos na ação regional a partir da economia solidária.** *Terr@ Plural* (UEPG. Online), v. 2, p. 241-248, 2008.

_____. **A relação cidade/campo no contexto de uma sociedade global: alguns limites e horizontes.** *Temas & Matizes* (Impresso), v. IX, p. 39-46, 2010.

ROUSSEAU, José António. **Manual de Distribuição**. Estoril: 2ª Ed Principia, 2008.

SANTOS, B. S. **Para um novo senso comum : a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 6. ed. - São Paulo : Cortez, 2007.

Disponível em: < <http://www.4shared.com/account/home.jsp#dir=Y1Gsf0y0>>

Acesso: 15-12-2013

SELL, F. A. **A Produção do Espaço dos Produtores Familiares da Agricultura do Município de Loures - Portugal**. Relatório final de Seminário de Investigação em Geografia Humana apresentado ao Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, 2013.

SESSO FILHO, U. A. **Estratégias de Comercialização de Hortifrutis no Setor Supermercadista: estudo de casos**. Piracicaba, 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências – Economia Aplicada). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/ Universidade de São Paulo.

SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002. 155 p.

Recebido em: 25/02/2014

Aprovado em: 06/05/2014